



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Filosofia da Educação II
Educador: João Nascimento Borges Filho**

Considerações acerca da Universidade Popular (UNIPOP)

Concebe-se que é avançada a compreensão da UNIPOP quando vê como um de seus grandes desafios à elaboração de propostas metodológicas que contribuam significativamente para transformar o espaço de criação de conhecimento e de propostas alternativas e não apenas de reprodução do conhecimento sócio-historicamente construído.

Entende-se, igualmente, que deva a preocupação constante da UNIPOP à viabilização de atividades articuladas com as diversas entidades populares-sindicais que a compõe, bem como ter, concretamente, um melhor acompanhamento de seus “egressos” - para que se possa verificar se está, ou não, havendo mudanças e/ou melhorias qualitativas e quantitativas de compreensão teórico-prática. Para que os “militantes” em suas atividades cotidianas no Movimento Popular e/ou Sindical possam entender a história de suas vidas como “possibilidades”.

Acredita-se que a UNIPOP deverá continuar trabalhando no sentido de criar alternativas políticas e pedagógicas que venham contribuir sobremaneira para o surgimento de lideranças que tenham como propósito fundamental a viabilização de um novo projeto sócio-político que se consubstancie numa sociedade mais justa e igualitária.

Inspirando-se em Paulo Freire pode-se afirmar que se necessita forjar o “novo educador”. E que este esteja sobejamente comprometido com as “transmutações educacionais qualitativas”, ou seja, com as mudanças substanciais no processo educacional como um todo. Será, portanto,



atribuição do “novo educador”, *refazer* a educação (no sentido “freireano” do termo); reinventá-la, criando-se, pois, as condições objetivas para que a educação “verdadeira” e democrática viabilize-se.

Na concepção dialética e popular, “o saber” adquirido na escola, imprescindível para o cumprimento de suas finalidades de luta por transformações mais globais da sociedade. Por assim dizer, tem-se que a UNIPOP, viabiliza uma constância de busca de metodologias alternativas em nível de Educação Popular.

Chegou-se à concepção de que o Projeto Político Alternativo da UNIPOP vem sendo trabalhado via uma práxis pedagógica conscientizadora, conseqüente e engajada na prática social transformadora. A UNIPOP, portanto, vem procurando viabilizar a Educação Popular Emancipatória, ou seja, busca-se um redimensionamento tanto na prática do educador como na do educando (militante), adequando-se a isto a perspectiva de uma luta por uma nova realidade sócio-econômica e político-cultural.

Compreende-se, pois, que não se pode ter uma sociedade desenvolvida e democrática sem que se tenha uma educação igualmente desenvolvida e democrática. Por conseguinte, crê-se que o grau de desenvolvimento educacional de uma sociedade se viabilizará segundo o nível de desenvolvimento dessa própria sociedade.

Percebe-se, ainda, que o desenvolvimento cultural de um país é tarefa que se realiza em longo prazo. É, portanto, tarefa coletiva, popular e democrática. Especificamente em se tratando do Brasil, poder-se-ia dizer que é inegável que o país ostenta hodiernamente certo grau de desenvolvimento, entretanto esse está diretamente dissociado do desenvolvimento sócio-político e cultural.

Por outro lado, entende-se que a educação deva ser instrumento viabilizador da abertura à participação popular organizada. Organizando-se, pois, cada vez mais a sociedade civil, no sentido de se tomar decisões acerca do desenvolvimento presente e futuro do país.

Daí acredita-se que a escola pública, em todos os níveis, é de fundamental importância na luta da classe trabalhadora, no sentido da mesma



produzir e elaborar sua própria “palavra”, sua própria cultura. Isso porque o conhecimento é um modo de desvendar a realidade em nível dialético e dinamicamente com a práxis transformadora da realidade.

Retome-se Paulo Freire: “Estou cada vez mais convencido de que os verdadeiros revolucionários devem encarar a revolução como um ato de amor... a distorção imposta à palavra amor pelo mundo capitalista não pode impedir a revolução de ter um caráter essencialmente amoroso, nem impedir que, os revolucionários afirmem seu amor a vida”. O autor supracitado reafirma que o dialogo com o povo é radicalmente necessário a qualquer revolução que se fundamenta no diálogo. Ressalta que não há dicotomia entre o essencial da ação revolucionária.

Por assim dizer, concebe-se que a educação é um processo contínuo que se esta construindo historicamente pelo conjunto de seres humanos. Isto é, um processo de coexistência, de permuta de saberes. Entende-se, pois, que seja um dever de todos aqueles envolvidos no processo educativo de viabilizar-se uma releitura da realidade, assim como redescobrir-se novos caminhos para atuações concreto-transformadoras.

Historicamente, constata-se que o Estado e suas elites intelectuais e/ou dirigentes passaram a pensar e decidir pelo povo, sempre se julgando como verdadeiros intérpretes de suas necessidades, de sua cultura. Nunca se permitiu que o povo tivesse sua própria identidade. Não somente uma identidade política e social, mas sobretudo uma identidade cultural, no sentido de que seja sujeito de seus próprios interesses.

Por conseguinte, tem-se que ter claro que na sociedade capitalista a Escola nunca virá a ser libertadora. É algo extremamente utópico assim se pensar, ou seja, se fazer dessa Escola, que aí está, um espaço de libertação das classes subjugadas, entretanto, a luta pela Escola, sobretudo quando faz parte de uma luta mais ampla, faz-se necessária.

Em Educação, compreende-se, ainda, que não basta fazer, é preciso conhecer o que se faz, como e para que se faz. Educador, em sentido pleno, é aquele que reflete sobre sua própria experiência e tem, por assim dizer, consciência dos limites da ação pedagógica.



Reinaldo Fleuri posiciona-se dizendo que muito embora haja sérias limitações no espaço da escola, é possível, desde que se queira trabalhar para que se possa promover relações participativas de poder, visando à formação de um saber crítico e articulado com as necessidades reais e objetivas das classes de origem popular.

Este pequeno "ensaio" encontra-se "inacabado", como nós próprios somos seres inacabados. Entretanto amamos e sonhamos com a mudança histórica, construída coletivamente, revolucionada por homens e mulheres. É por não abrir mão do direito de sonhar e amar que se retoma, indubitavelmente, a um dos maiores educadores do mundo contemporâneo: Paulo Freire. E, assim, poder ratificar o propósito de continuar aprendendo com o povo a escrever a cada dia "nossa própria história" (Paulo Freire, 1988. In: Educação e Mudança).

“Não há educação sem amor. O amor implica, luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama” (Idem).

Continua-se com Freire: O medo existe em você, exatamente porque você tem o sonho. Entretanto, quanto mais você reconhece que seu medo é consequência da tentativa de praticar seu sonho, mais você aprende a pôr seu sonho em prática. Afirma: nunca perguntei a Fidel Castro, por exemplo, sobre seus medos. Nem poderia fazer tal pergunta a Amílcar Cabral, outro revolucionário fantástico. Ou a Che Guevara, mas certamente eles sentiram medo, na medida em que sempre foram muito fiéis a seus sonhos.

P.S.: O texto foi produzido para servir como elemento reflexivo para os acadêmicos do Curso de Pedagogia da UNIFAP, na matéria Filosofia da Educação, ministrada pelo Sociólogo e Psicopedagogo João Nascimento Borges Filho, Docente efetivo desta IFES.

Prof. Borges

